

**TEATRO
SÃO LUIZ**

**22 NOV
MÚSICA**

À PROCURA DE UM SOM PORTUGUÊS

Teatro Nacional de São Carlos



Travessias

O Nacionalismo na Arte

SALA BERNARDO SASSETTI

22 NOVEMBRO, 18H30

Duração: 1 hora

CONVIDADOS

João Paulo Santos

[Diretor de Estudos Musicais
do Teatro Nacional
de São Carlos]

- 2** Raquel Henriques da Silva
[Professora Catedrática Jubilada
do Departamento de História
da Arte da NOVA FCSH]

MODERAÇÃO

Andrea Lupi

A propósito do concerto *À procura de um som português*, reservamos espaço para uma travessia sobre o Nacionalismo na Arte, que se inicia na música e desagua na história da arte do século xx, em particular no domínio das artes plásticas. Com convidados que partilham conhecimento e reflexões, lançamos pistas para uma melhor compreensão do concerto que apresentamos de seguida.

Programa

FREDERICO DE FREITAS
(1902-1980)

O muro do derrete:
Suíte do bailado

A formosura desta
fresca serra
[Luís de Camões]
(Soprano)

JOLY BRAGA SANTOS
(1924-1988)

Acordando
[Antero de Quental]
(Soprano)

Delgadas, claras
água do Mondego
(de *3 Sonetos de Camões*)
[Luís de Camões]
(Barítono)

FERNANDO LOPES-GRAÇA
(1906-1994)

O menino da sua mãe
[Fernando Pessoa]
(Barítono)

Cantiga de embalar
[popular]
(Barítono)

Agora é que ela vai boa
[popular]
(Soprano)

Meu lírio roxo
[popular]
(Soprano)

JOSÉ VIANNA DA MOTTA
(1867-1948)

Tristeza
[João de Deus]
[Estreia em tempos
modernos]
(Barítono)

Canção perdida
[Guerra Junqueiro —
orquestração de Pedro
de Freitas Branco]
(Soprano)

Lavadeira e caçador
[João de Deus —
orquestração de Pedro
de Freitas Branco]
(Soprano, barítono)

FERNANDO LOPES-GRAÇA
(1906-1994)

Três danças
portuguesas Op. 32
Fandango
Dança dos Pauliteiros
Malhão

À procura de um som português

SOPRANO

Eduarda Melo

BARÍTONO

Tiago Amado Gomes

DIREÇÃO MUSICAL

João Paulo Santos

Orquestra Sinfónica
Portuguesa

4

O final do século XIX e a primeira metade do século XX destacaram-se, no panorama musical português, por uma busca incessante do que poderia constituir uma música nacional, ou uma música que melhor transmitisse uma ideia de identidade nacional. Ainda que com abordagens distintas, por vezes mais no campo da intenção do que nos seus resultados práticos e audíveis, todos estes compositores se demarcaram por essa mesma busca, ligando-se, assim, o final de um romantismo nacionalista a um modernismo marcado por programas políticos concretos de construção de uma imagem nacional. O que une as várias obras e os vários compositores deste programa é, portanto, principalmente uma aproximação às intenções de criação de uma música fundamentalmente portuguesa, através do uso do cancioneiro popular ou da poesia erudita, do mesmo modo exaltando a cultura nacional, marcando-se o início e o fim do concerto pela inclusão de música de dança — bailado ou danças populares —, que, sem palavras, obedece também à mesma urgência de retrato, tratamento ou valorização de uma consciência musical nacional.

Quando pensamos em bailado em Portugal, é provável a imediata associação a Frederico de Freitas (1902-1980) e à Companhia de Bailados Verde Gaio. Frederico de Freitas foi, como tantos outros da sua época, um criador multi-facetado, inicialmente dedicado aos costumados impulsos modernistas de juventude. Ainda que uma imagem de um certo conformismo lhe seja atribuída, sobretudo mediante a sua intensa colaboração com os Bailados Verde Gaio,

o pensamento modernizante não parece ter esmorecido totalmente em Frederico de Freitas.

A sua proposta para os muitos bailados que compôs regeu-se pela intenção de equilíbrio entre uma linguagem moderna e a estética folclorizante dos Verde Gaio. Esse era, enfim, o último objetivo de António Ferro e do seu Secretariado da Propaganda Nacional — a criação de uma linguagem artística, fosse ela por meios pictóricos, musicais ou coreográficos, que demonstrasse a antiguidade, a autenticidade e a singularidade da cultura popular portuguesa, embora simultaneamente moderna e em consonância com as correntes artísticas em voga no Centro da Europa. O seu primeiro bailado, *O muro do derrete*, estreou em 1940, pelos Verde Gaio, no Teatro da Trindade, sob a direção do maestro Ivo Cruz, com coreografia de Francis Graça e cenografia e figurinos de Paulo Ferreira. Partindo do costume do muro do derrete na Feira das Mercês em Lisboa, Frederico de Freitas constrói uma paisagem sonora de acordo com a ideia de consciência nacional veiculada pelo Estado Novo, recorrendo a uma linguagem folclorizante recheada de elementos modernizantes.

Na busca de uma identidade musical nacional, é comum o recurso à poesia erudita e, sobretudo, a Luís de Camões como símbolo de um período áureo da cultura e da literatura portuguesas. *A formosura desta fresca serra* de Frederico de Freitas é um dos produtos dessa consciência. Composta em 1937 para voz e orquestra, afasta-se da linguagem popularizante e aproxima-se de um madrigalismo neoclássico tal como imaginado

por Luís de Freitas Branco (1890-1955) — de quem Frederico de Freitas fora aluno —, na representação metafórica e metonímica da intenção poética.

Já Joly Braga Santos (1924-1988), na senda do seu mestre Luís de Freitas Branco e do antecessor José Vianna da Motta (1867-1948), acaba por ter uma maior aproximação à cultura erudita que à cultura popular ou folclórica. Um certo afastamento do cancionero popular (salvo algumas exceções) prende-se maioritariamente com a crença na ideia de que uma linguagem moderna nacional se construiria, em primeira instância, pela renovação dos valores da música pré-romântica e da literatura nacional. A aproximação a Antero de Quental e, principalmente, a Luís de Camões talvez seja, mais que uma inegável moda da altura, no caso de Joly Braga Santos, um modo de aproximação a Luís de Freitas Branco, mestre que seguiu devotamente ao longo de toda a sua vida, tomando como missão pessoal e artística a continuidade das suas ideias.

Deste modo, tal como na tradição da canção erudita em Portugal, muito na linha dos *Madrigais camonianos* de Luís de Freitas Branco, Joly Braga Santos constrói uma linguagem moderna, mas de ímpeto neoclassicizante, fundindo música e texto numa só intenção expressiva em *Acordando*, num percurso harmónico que intensifica o êxtase do poema e, nos *Três sonetos de Camões* (onde se insere «Delgadas, claras águas do Mondego»), numa interrupção do lirismo por um recitativo que acentua a melancolia do poema. Ambas as obras foram compostas para voz e piano, em 1944-45 e, mais tarde, para voz e orquestra.

Fernando Lopes-Graça (1906-1994) é o discípulo de Vianna da Motta e de Luís de Freitas Branco que mais diverge, propositada e conscientemente, dos ensinamentos dos mestres, construindo uma linguagem própria de defesa da cultura popular. Ao contrário da imagem pitoresca que era veiculada por alguns dos compositores mais próximos das ideias estéticas e ideológicas do Salazarismo, com intenção última de mapear e limpar a cultura popular portuguesa aos olhos de nacionais e estrangeiros, Lopes-Graça empreendeu uma recolha séria, informada, e um trabalho que pretendia modernizador e valorizador da música popular portuguesa, cobrindo grande parte do território nacional nos seus inúmeros arranjos para voz, para coro e para formações instrumentais e orquestrais, numa pretensão de enaltecer, dar a conhecer e eruditizar a música popular, devolvendo-a ao povo com novas roupagens.

Nas palavras de Mário Vieira de Carvalho, «em oposição à imagem homogénea do folclore musical português, tal como ele se reconhecia no fado enquanto canção nacional ou nos ranchos folclóricos, Lopes-Graça postulava e procurava mostrar a sua enorme diversidade; em oposição à ideologia dominante do povo português como um povo contente consigo próprio ou resignado, ele procurava pôr em evidência o seu potencial de resistência, afirmação e transgressão» (*Pensar a música, mudar o mundo: Fernando Lopes-Graça*, 2006, p. 42). Exemplos deste tratamento são precisamente as canções *Agora é que ela vai boa*, *Meu lírio roxo* e *Cantiga de embalar*, em que

Lopes-Graça procura salientar as características-base de cada uma, conferindo modernidade e intemporalidade à aparente estagnação da música popular. Essa mesma resistência encontra-se na lúgubre *O menino da sua mãe*, sobre texto de Fernando Pessoa — obra composta em 1936, próxima do simbolismo e do expressionismo —, em que o tema da guerra e a crítica ao Estado Novo são evidentes no tratamento musical que Lopes-Graça dá às palavras, nomeadamente na declamação «(Malhas que o Império tece!)/Jaz morto e apodrece» e na comparação entre o embalo de uma criança e o reconhecimento da morte do filho soldado pela mãe.

Numa visão anterior e em tudo oposta à de Lopes-Graça, em Vianna da Motta, como no imaginário de grande parte dos românticos, a autenticidade nacional também residia na sua música popular, dada como pura, autêntica e afastada de influências externas. As três obras de Vianna da Motta incluídas neste programa partem, porém, de poesia erudita de João de Deus (*Tristeza e Lavadeira e caçador*) e de Guerra Junqueiro (*Canção perdida*). *Tristeza*, para barítono, orquestra de cordas e harpa, é-nos apresentada em primeira audição moderna, editada em 2017 por Elvira Archer e João Paulo Santos. Tanto *Canção perdida* como *Lavadeira e caçador* foram compostas para soprano e piano no final da década de 1890 e, mais tarde, orquestradas por Pedro de Freitas Branco. A romanze e as canções de Vianna da Motta denotam uma clara influência romântica germânica, num tratamento relativamente simples da música em que o lirismo da poesia é exacerbado pelo acompanhamento instrumental.

O concerto termina, em parte, como começou — com dança. Lopes-Graça constrói, em 1941, na sua linguagem orquestral de tensões, dissonâncias e diálogos entre timbres, três danças inspiradas na rítmica do fandango, da dança dos pauliteiros e do malhão, aquilo a que Mário Vieira de Carvalho chama «alegria como transgressão», dando uma voz ao povo que não aquela que o simplificava, mas sim uma voz que pode transgredir.

[Isabel Pina, Musicóloga]

A formosura desta fresca serra

A formosura desta fresca serra
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
o esconder do gado pelos outeiros,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens pelo ar a branda guerra;

10

enfim, tudo o que a rara natureza
com tanta variedade nos oferece,
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
sem ti, perpetuamente estou passando,
nas mores alegrias, mor tristeza.

Acordando

Em sonho, às vezes, se o sonar quebranta
Este meu vão sofrer, esta agonia,
Como sobe cantando a cotovia,
Para o Céu a minh'alma sobe e canta.

Canta a luz, a alvorada, a estrela santa,
Que ao mundo traz piedosa mais um dia...
Canta o enlevo das coisas, a alegria
Que as penetra de amor as alevanta...

Mas, de repente, um vento húmido e frio
Sopra sobre o meu sonho: um calafrio
Me acorda. — A noite é negra e muda: a dor

Cá vela, como dantes, ao meu lado...
Os meus cantos de luz, anjo adorado,
São sonho só, é sonho o meu amor!

Delgadas, claras águas do Mondego

Delgadas, claras águas do Mondego,
doce repouso de minha lembrança,
onde a comprida e pérfida esperança
longo tempo após si me trouxe cego:

de vós me aparto; mas porém não nego
que a memória que de vós me alcança,
me não deixa de vós fazer mudança,
mas quanto mais me alongo, mais me achego.

12

Bem pudera Fortuna este instrumento
da alma levar por terra nova e estranha,
oferecido ao mar remoto ao vento;

mas a alma, que de cá vos acompanha,
nas asas do ligeiro pensamento,
para vós, águas voa, e em vós se banha.

O menino da sua mãe

No plaino abandonado	Caiu-lhe da algibeira
Que a morna brisa aquece,	A cigarreira breve.
De balas traspassado	Dera-lhe a mãe. Está inteira
—Duas, de lado a lado—,	E boa a cigarreira.
Jaz morto, e arrefece.	Ele é que já não serve.
Raia-lhe a farda o sangue.	De outra algibeira, alada
De braços estendidos,	Ponta a roçar o solo,
Alvo, louro, exangue,	A brancura embainhada
Fita, com olhar langue	De um lenço... Dera-lho a criada
E cego os céus perdidos.	Velha que o trouxe ao colo.
Tão jovem! que jovem era!	Lá longe, em casa, há a prece:
(Agora que idade tem?)	«Que volte cedo e bem!»
Filho único, a mãe lhe dera	(Malhas que o Império tece!)
Um nome e o mantivera:	Jaz morto, e apodrece,
«O menino da sua mãe»:	O menino da sua mãe.

Cantiga de embalar

José embala o menino
Que a Senhora logo vem:
Ó-ó, ó-ó.

Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém,
Ó-ó, ó-ó.

Agora é que ela vai boa

Agora é que ela vai boa
Roubaram-me o meu rapaz;
Tinha três, fiquei com quatro,
Ó i, ó ai, olha a falta que me faz!

O meu amor não me quer,
Ora essa, ora agora!
Eu tenho na minha rua
Ó i, ó ai, quem de joelhos me adora.

Meu lírio roxo

A morte vem e não tarda,
Eu dela não me atemorizo;
Meu lírio roxo!

À boca de uma espingarda
Eu tive o primeiro aviso,
Meu lírio roxo!

Tristeza

Esse olhar silencioso
Em que língua se traduz?
Fala-me ó astro saudoso,
Luz do céu, pálida luz!
Que aéreas visões me acordas,
Que imagem, lua, recordas
Nessa prateada cor?
Que há em ti que a dor mitiga,
Que há em ti, lâmpada amiga,
De meigo e consolador?

17

Escuta, pálida lua,
Dá-me um sorriso dos teus,
Dá-me uma lágrima tua,
Se és a pupila de Deus!
Vê que outros mimos não tenho,
Que em tua face desenho
A face do meu amor:
Uma só lágrima! fria
Que ela me caia, diria
Que uma lágrima caía
Do céu ao menos na dor!

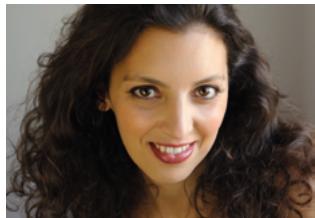
Canção perdida

Alguém de mim se não lembra Nas terras d'álém do mar... Ó Morte, dava-te a vida, Se tu lha fosses levar!...	Quem dá ais, ó rouxinol Lá para as bandas do mar?... É o meu amor que na cova Leva as noites a chorar!...
Ó Morte, dava-te a vida, Se tu lha fosses levar!...	É o meu amor que na cova Leva as noites a chorar!...
O meu amor escondi-o Numa cova ao pé do mar... Morre o amor, vive a saudade... Morre o Sol, olha o luar!...	Ó meu amor, dorme, dorme Na areia fina do mar, Que antes da estrela d'alva Contigo me irei deitar!...
Morre o amor, vive a saudade... Morre o Sol, olha o luar!...	Que antes da estrela d'alva Contigo me irei deitar!...

Lavadeira e caçador

<p>— Boas tardes, lavadeira!</p> <p>« Boas tardes, caçador!</p> <p>— Sumiu-se-me a perdigueira Ali naquela ladeira; Não me fazeis o favor De me dizer se a brejeira Passou aqui a ribeira?</p> <p>« Olhe que d'essa maneira Até um dia, senhor, Perdereis a caçadeira, Que ainda é perda maior.</p> <p>— Que me importa, lavadeira! Aqui na minha algibeira Trago dobrado valor... Assim eu fora senhor De levar a vida inteira Só a ver o meu amor Lavar roupa na ribeira!...</p>	<p>« Talvez fosse melhor... Ver coser a costureira! Vir de ladeira em ladeira Apanhar esta canseira, E tudo só por amor De ver uma lavadeira Lavar roupa na ribeira... É escusado, senhor!</p> <p>— Boas noites... lavadeira!</p> <p>« Boas noites, caçador!...</p>
--	---

Eduarda Melo SOPRANO



©Nelson Daires

20

Formada em canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música do Porto e o elenco do prestigiado CNIPAL em Marselha. Foi galardoada com o 2.º prémio do concurso internacional de canto de Toulouse. É convidada para numerosos festivais na Europa e canta sob a direção de maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus, Antonello Allemandi, em prestigiados teatros de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa).

Em ópera, destacam-se os papéis de: Bellezza (*Il trionfo del Tempo e del Disinganno*); Adelle (*Die Fledermaus*); Soeur Constance (*Dialogues des carmélites*); Euridice (*Orfeo ed Euridice*); Corinna (*Il viaggio a Reims*); Rosina (*Il barbiere di Siviglia*); Elvira (*L'italiana in Algeri*); Norina (*Don Pasquale*); Musetta (*La bohème*); Despina (*Così fan tutte*); Zerlina (*Don Giovanni*); Erste Dame (*Die Zauberflöte*) e Elle (*La voix humaine*).

Na temporada de 2025/2026, destacam-se o papel de Zerlina (*Don Giovanni*) na Opéra Grand Avignon, e a *Paixão segundo São Marcos* de Osvaldo Golijov, na Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direção de Joana Carneiro.

Tiago Amado Gomes BARÍTONO

Tiago Amado Gomes iniciou os seus estudos musicais no Conservatório do Choral Phydellius. Licenciou-se em canto na Escola Superior de Música de Lisboa com Sílvia Mateus. Recebeu distinções como o Prémio Talento Musical (Austria Barock Akademie) e o prémio de Melhor Interpretação de Canção Portuguesa da Fundação Rotária Portuguesa (2018).

Em ópera, destaca-se nos papéis de Figaro em *Il barbiere di Siviglia*, Eisenstein em *Die Fledermaus*, Il Conte di Almaviva em *Le nozze di Figaro*. Em concerto, como solista: *Requiem* de G. Fauré, *Ein Deutsches Requiem* de J. Brahms, *Carmina Burana* de C. Orff e *Messiah* de G. F. Händel.

Trabalha também em produções teatrais com encenadores como Anna Leppanen, Bruno Bravo e Tiago Rodrigues.



©DR

João Paulo Santos DIREÇÃO MUSICAL



©Susana Chicó

22

Nascido em Lisboa, concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragon e Elizabeth Grummer. Como bolsheiro da Fundação Gulbenkian, aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). Estreou-se na direção musical em 1990 com *The bear* (W. Walton), encenada por Luis Miguel Cintra. Dirigiu óperas para crianças, musicais, concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le vin herbé* (Martin) e *The English cat* (Henze) e estreias absolutas de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. É responsável pela investigação, edição e interpretação de obras portuguesas dos séculos XIX e XX. A sua carreira atravessa os últimos 40 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos, onde principiou como correpetidor e maestro titular do Coro, desempenhando atualmente as funções de diretor de Estudos Musicais.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais.

Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes.

No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho.

No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

À PROCURA DE UM SOM PORTUGUÊS

Teatro Nacional
de São Carlos

22 NOV  MÚSICA

Sábado, 20h

Sala Luis Miguel Cintra

Duração: 50 min.

€11 a €22 [com descontos]
(Não abrangido pelo Passe
Cultura)

M/6

**TEATRO
SÃO LUIZ**

DIREÇÃO ARTÍSTICA Miguel Loureiro **DIREÇÃO EXECUTIVA** Ana Rita Osório **ADJUNTA DIREÇÃO ARTÍSTICA** Tiza Gonçalves **ADJUNTA DIREÇÃO EXECUTIVA** Soraia Amarelinho **ASSISTENTE DE DIREÇÃO E PROJETOS EUROPEUS** Catarina Ferreira **DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO** Elsa Barão **ACESSIBILIDADE E PRODUÇÃO DE COMUNICAÇÃO** João Romãozinho **COMUNICAÇÃO DIGITAL** Ana Ferreira **MEDIADA DE PÚBLICOS** Diana Bento **PROMOÇÃO E ASSESSORIA DE IMPRENSA** Mafalda Simões **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** Mafalda Santos **PRODUÇÃO EXECUTIVA** Maria Beatriz Pinto, Marta Azenha, Sofia Teixeira **DIREÇÃO TÉCNICA** João Nunes [interino] **ADJUNTA DA DIREÇÃO TÉCNICA [INTERINA] E COORDENAÇÃO DA DIREÇÃO DE CENA** Marta Pedroso **DIREÇÃO DE CENA** Helena Ribeiro, Lara Canteiro, Maria Tavora, Sara Garrinhas **ASSISTENTE DA DIREÇÃO DE CENA** Cristina Soares **ILUMINAÇÃO** António Sofia, Carlos Tiago, Diogo Zózimo, Ricardo Campos **MAQUINARIA** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vitor Madeira **SOM** Gonçalo Sousa, João Caldeira, Nuno Saias, Rui Lopes **VIDEO** João Ramos, Melissa Logrado, Sérgio Joaquim **MANUTENÇÃO E SEGURANÇA** Ricardo Joaquim **CAMAREIRA** Rita Talina **BILHETEIRA** Mariana Branco, Marta Saavedra, Pedro Xavier



teatrosaoluz.pt

CANÇÕES E OBRAS ORQUESTRAIS DE

Frederico de Freitas, Joly Braga Santos,

José Vianna da Motta e Fernando Lopes-Graça

SOPRANO Eduarda Melo

BARÍTONO Tiago Amado Gomes

DIREÇÃO MUSICAL João Paulo Santos

COM Orquestra Sinfónica Portuguesa

COAPRESENTAÇÃO Teatro Nacional de São Carlos

e São Luiz Teatro Municipal

DIREÇÃO ARTÍSTICA

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Pedro Amaral

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA OPART,E.P.E.

Conceição Amaral [Presidente],

Sofia Meneses [Vogal]

FOTOGRAFIA [CAPA] ©Bailado 'O Homem do Cravo na Boca' /Companhia Portuguesa de Bailados Verde Gaio/

Teatro Nacional de São Carlos/Museu Nacional do Teatro e da Dança/Bernardo Marques, 1941/Foto Luís Oliveira/17971TC